

# REESTRUTURAÇÃO URBANA E A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DE ARAPIRACA, ALAGOAS.

Júlio César Oliveira de **SOUZA**<sup>1</sup>

Luciane Maranhã de Oliveira **MARISCO**<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo destina-se a analisar o papel da cidade de Arapiraca, localizada na região agreste do Estado de Alagoas como uma cidade média na rede urbana regional. Com uma população de 202.390 habitantes, a cidade vem experimentando nas últimas décadas um acréscimo de várias estruturas urbanas ligadas principalmente ao setor de prestação de serviços, fato que vem alterando substancialmente o seu espaço urbano. Originada a partir da inserção e do incremento do setor fumageiro e que rapidamente torna-se a principal atividade econômica para a cidade, o setor de serviços ligados à oferta de bens de consumo também se desenvolveu e determinou um novo perfil econômico à cidade. Assim, as cidades que gravitam no entorno de Arapiraca interagem diretamente com a mesma, na medida em que todo tipo de serviços, representações de instituições estaduais e federais são encontrados na cidade e que fizeram de Arapiraca um grande pólo regional que consegue estender a sua rede de influência por toda a região agreste e sertão do Estado. Neste artigo são descritos os aspectos que permitem ratificar o papel de Arapiraca como uma cidade média na estrutura urbana de Alagoas.

**Palavras-Chaves:** Cidades Médias, Arapiraca, Dinâmica Urbana, Rede Urbana e Interações Espaciais.

## URBAN RESTRUCTURING AND SOCIOECONOMIC DYNAMIC IN MIDDLE SIZED CITIES: THE CASE OF ARAPIRACA, ALAGOAS.

### Abstract

This article aims to analyze the role of Arapiraca, a city, located in the agreste region of the state of Alagoas, as a middle sized city in urban regional network. With a population of 202,390 inhabitants, the city has been experiencing in recent decades an increase of several structures related mainly to the urban service to, a fact what is altering its urban space. Originated from the insertion and the development of tobacco industry wick quickly became the main economic activity of the city, the service sector linked to the after of consumer goods that developed and established a new economic profile to the city. Thus, the cities that surround Arapiraca interact directly with it, inasmuch as all kinds of departments, offices of state and federal institutions are found in the city and they have made Arapiraca a regional pole that can extend its network of influence around the region backwoods of the state. This paper describes the aspects that allow ratify the role of Arapiraca as a middle sized city in the urban structure of Alagoas.

**Keywords:** Middle Sized Cities, Arapiraca, Urban Dynamics, Urban Network and Space Interactions.

## Introdução

Com a formação de redes urbanas hierarquizadas que foram estruturadas segundo alguns princípios de circulação orientados, sobretudo, pelas possibilidades técnicas dos sistemas de transporte que se organizam para o florescimento do capitalismo desde meados do século XIX (SPOSITO *et al*, 2007, p. 36) as cidades médias tiveram os seus papéis definidos, em grande parte pela posição geográfica que ocupavam, mas também pela relevância político-administrativa que desempenhavam.

Na estrutura urbana brasileira, o papel que as cidades médias assumem é de extrema importância, pois são polarizadoras e organizadoras de bens e serviços que antes eram de guarda

---

<sup>1</sup> Geógrafo, especialista em Geografia: Análise Ambiental e História do Brasil. Professor da Universidade Estadual de Alagoas. Travessa do Arame, nº. 66 – Clima Bom 02, Maceió, AL. Telefone: (82) 3354-7374. E-mail: jcsouzas@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Profª. Drª. do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas. Avenida Lourival de Melo Mota, s/n - Cidade Universitária, Maceió, Al. Telefone: (82) 3214-1441. E-mail: lucianemarisco@hotmail.com

das grandes metrópoles e de capitais estaduais. O quadro extremamente complexo que já se cristalizou nos espaços urbanos das metrópoles mundiais são geradores de crises de convulsão social que tornam ainda mais caótico o espaço metropolitano. Por isto, situações de exclusão e segregação são uma constante nas metrópoles, pois os seus gestores têm cada vez mais se demonstrados estereis diante de tais circunstâncias.

Michel (*apud* AMORIM FILHO, 2007, p. 71) infere que uma cidade não nasce média e que também não permanece média *ad aeternam*, mas que evolui ao passar dos anos. Assim podemos entender que nenhuma cidade mundial nasceu grande, mas, à medida que novos objetos e funções urbanas são agregados em seus espaços e a conseqüente mobilidade populacional que converge em sua direção, as diferencia das demais e as alçaram à posição de grandes metrópoles urbanas. Por isto, podemos concluir com um grau de certeza que todas as cidades metropolitanas já foram médias, mesmo que não possuindo a complexidade que hoje se observa nas cidades médias contemporâneas.

A importância que uma cidade média tem possui uma relação direta com a área sobre a qual esta é capaz de exercer sua influência. Em outras palavras, o local que alguém está disposto a se deslocar para que neste possa ter acesso ao consumo de bens e serviços de que necessita. Portanto, este texto se detém a interpretar as cidades médias em Alagoas, tendo como recorte analítico e geográfico, a cidade de Arapiraca, que surge como cidade polarizadora da rede urbana da porção oeste do Estado.

### **Espaços em transição: as cidades médias.**

No início deste século predominou o fenômeno do êxodo rural que, inegavelmente, contribuiu com a intensificação do processo de urbanização, principalmente nas metrópoles. Atualmente observa-se uma ordem inversa deste fenômeno, ou seja, o êxodo urbano que se exprime pela preferência em habitar cidades não metropolitanas e que possuam alguns dos serviços encontrados nas metrópoles e, este processo vem aumentando ao longo dos últimos anos. Desta maneira, conforme Santos & Silveira (2005), observa-se que nos últimos anos que as aglomerações urbanas nascidas das novas lógicas territoriais têm um tamanho bem maior do que nos períodos anteriores.

Para entender este processo, faz-se necessário interpretar o novo contexto contemporâneo do processo de urbanização no Brasil, este percebido como a expressão histórica concreta no espaço da evolução e das mudanças sociais, definidas pela globalização e seus desdobramentos espaciais. Uma de suas principais características como aponta Bessa (2005), é dada pela gestação e expansão do meio “*técnico-científico-informacional*”. As cidades-médias são frutos deste processo de reestruturação urbana que se observa no Brasil desde a década de 1970.

Em nível mundial desde as décadas de 1950 e 1960 estas cidades são analisadas, mas a França foi o país pioneiro na preocupação com a importância do grupo das cidades de porte médio e no estudo de seu valor no equilíbrio e no funcionamento das redes urbanas nacionais e, sobretudo, regionais. Costa (2002, p. 103) faz a leitura das cidades-médias relacionando-as, inicialmente, ao que considera o “*ótimo da cidade*”, ou seja, a cidade como uma entidade econômica e socialmente equilibrada. Lembra que, de forma indireta, as cidades-médias têm um contexto histórico que está presente em várias culturas e Estados. No Brasil somente no final da década de 1970 e meados da década de 1980 é que as cidades médias começam a ser pesquisadas, sendo inicialmente a classificação populacional a mais considerada para a sua determinação.

Santos (2005, p. 91) ao analisar os dados estatísticos referentes ao processo de metropolização no Brasil<sup>3</sup> conclui que, paralelamente ao crescimento cumulativo das maiores cidades do país, “*estaria havendo um fenômeno de desmetropolização, definida como a repartição, como outros grandes núcleos, de novos contingentes de população urbana*”. O que se pode constatar é que vem ocorrendo à expansão da metropolização, aonde novas aglomerações chegam ao status de cidade grande e cidade média. Davidovich (*apud* BESSA, 2005, p. 270) destacou no início da década de 1990, a existência de centros urbanos que apresentavam altos índices de crescimento populacional e econômico, além de ritmos e intensidades urbano-regionais particulares, determinados principalmente pela sua complexidade funcional e econômica; “*um Brasil urbano, não metropolitano*”, conforme a referida autora. Cidades antes isoladas, mas, que agora iniciam ou já estão em um avançado processo de articulação regional em torno de determinadas atividades e que passam a ser redutos de uma nova classe média emergente, *locus* de trabalho intelectual e também local de oferta de novos serviços associados aos transportes, informática, comunicação, saúde, educação, turismo e outros. Todos estes aspectos relacionados às cidades médias são ancorados no notável movimento migratório observado nos últimos anos em direção a estas cidades, representando um ponto central na análise das cidades médias, conforme relata Andrade e Serra:

“[...] dinamismo ao desempenho populacional das cidades médias, podem-se elencar: as mudanças recentes nos padrões locacionais da indústria; as transformações mais visíveis no movimento migratório nacional; o fenômeno da periferização das metrópoles; a política governamental de atração de investimentos para as regiões agrícolas e de extração de recursos minerais. Além destes, é claro, os fatores endógenos ao próprio dinamismo econômico de muitas dessas cidades” (ANDRADE & SERRA, 2001, p. 133).

Grande parte destes centros, como acima citado, seriam cidades do interior afetadas por programas de modernização das atividades agropecuárias e de mineração; com alguma propensão a determinados ramos industriais e dadas especializações produtivas; como também cidades refuncionalizadas ou re-adequadas pela atividade turística e de lazer; influenciadas diretamente por

<sup>3</sup> Dados referentes aos censos do IBGE dos anos de 1950, 1960 e 1970.

projetos de âmbito nacional como Mercosul, como também as inseridas em áreas da Amazônia ou no Nordeste (BESSA, 2005, p. 270).

Definir ou conceitualizar as cidades médias ainda é tarefa a ser executada, visto que para tal é necessário considerar distintos fatores e combiná-los tais como: tamanho demográfico, função urbana e organização interna. Assim é preciso identificar tais fatores como ponto de partida para a formulação de um conceito.

Conforme estudo de Andrade e Serra (Idem, p. 134), ao analisar a dinâmica do crescimento populacional das cidades brasileiras de porte médio, consideradas às que possuem entre 50 mil e 500 mil habitantes, foi revelada a importância de seu papel no crescimento e na redistribuição da população nacional, sugerindo assim um aumento tanto no número destas cidades como número de habitantes que nelas residem.

Um exemplo extraído do mesmo estudo é que a faixa de cidades entre 50 mil e 500 mil habitantes, em 1970 eram ao todo 240 cidades e abrigavam 25.040.543 habitantes. Em 2000 sobem para 496 e passam a abrigar 60.545.697 habitantes um incremento populacional de 141,7%. Na mesma interpretação, para a Fundação IBGE, que considera cidades de porte médio como aquelas entre 100 mil e 500 mil habitantes, estas cidades eram em número de 83, em 1970 chegando a 193 cidades em 2000. Em termos de evolução segundo a mesma fundação, em 1970 estas cidades concentravam 14.606.904 habitantes alcançando no ano de 2000, 39.541.616 habitantes, correspondendo a um incremento populacional de 170,7%.

Em ambas as perspectivas de análise vale ressaltar a prevalência do dinamismo populacional encontrado nas cidades médias e o seu papel singular no processo de desconcentração populacional brasileiro, visto que produzem um maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles.

Tomé e Bellet Sanfeliu (*apud* BESSA, 2005, p. 271) também reafirmam a função das cidades intermediárias que podem “*exercer um papel ativo frente ao processo de concentração urbana, equilibrando os processos de polarização e freando o excessivo crescimento das grandes aglomerações urbanas*”. Vale frisar que freqüentemente o parâmetro demográfico é usado para classificar as cidades médias. Mas cabe observar que este recorte demográfico somente demonstra a faixa que pode conter cidades médias, mas não aquelas que realmente exercem a função de cidades médias.

Por isto há de se considerar a extrema volatilidade que o critério demográfico exerce na definição de uma cidade média, visto que este parâmetro é extremamente variável de região para região, de país para país, mas também pode alterar-se em uma análise diacrônica e segundo o critério adotado pelos pesquisadores. Desse modo, é insuficiente ter somente por base o recorte demográfico como elemento para qualificar as cidades médias.

No Brasil as cidades médias, apresentam um destacado desenvolvimento econômico. Na década de 1970, fizeram parte de políticas de planejamento urbano e regional empreendidas pelo governo federal, que na verdade, como explicam Amorim e Serra visavam:

“[...] reduzir... o fluxo migratório na direção das grandes cidades e metrópoles, criar... maior equilíbrio interurbano e urbano-regional, promover... maior eficiência para alguns ramos produtivos, assim como multiplicar... postos avançados de expansão do sistema socioeconômico nacional” (AMORIM & SERRA, 2001, p. 09).

Ou seja, essas políticas urbanas apontaram para a promoção destas cidades como centros estratégicos da rede urbana nacional. As cidades médias são caracterizadas pelos processos de especialização funcional<sup>4</sup> e produtiva, na medida em que aparentam desenvolver uma alta e competitiva especialização funcional. Por isto, conforme Spósito (*apud* BESSA, 2005, p. 276) não é possível reconhecer o papel intermediário que uma cidade média desempenha sem avaliar as relações que ela estabelece com cidades de porte maior e menor, entre si e com os espaços rurais com os quais mantém uma vida de relações. Amorim Filho (1984, p. 09) salienta que as cidades médias devem manter “*interações constantes e duradouras com seu espaço regional e com as aglomerações urbanas de hierarquia superior*”. Oferecer um largo leque de serviços à sua área de polarização também pode ser considerado como função da cidade média. “*São também nós que se articulam fluxos, são pontos nodais de referência de acesso a outros níveis da rede urbana*” (TOMÉ E BELLET SANFELIU *apud* BESSA, 2005, p. 276). Manter interações espaciais é também característica definidora das cidades médias.

Estas interações se tornam possíveis devido aos modernos sistemas de engenharia de transportes e de telecomunicações, já que a fase das cidades médias coincide, com o período de expansão do meio técnico-científico-informacional, cuja manifestação é expressa pela complexa configuração territorial e a crescente fluidez do território. A este respeito, Santos salienta que:

“Essas cidades médias são, crescentemente, lócus do trabalho intelectual, o lugar onde se obtém informações necessárias à atividade econômica. Serão, por conseguinte, cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado, enquanto as maiores cidades, as metrópoles, por sua própria composição orgânica do capital e por sua própria composição orgânica do espaço, poderão continuar a acolher populações pobres e despreparadas” (SANTOS, 2005, p. 136).

A urgência das cidades médias no Brasil coincide com a expansão da nova fase da globalização, que impôs um novo patamar ao processo de urbanização. Portanto é necessário considerar que não são somente as estruturas dimensionais, funcionais e espaciais existentes nelas, mas também as relações transversais que são estabelecidas, que poderão determinar a sua posição na rede urbana regional e no sistema urbano brasileiro.

Na dinâmica atual da urbanização brasileira as cidades médias tornam-se efetivamente,

---

<sup>4</sup> Determinadas atividades ou funções específicas dentro do processo produtivo que as cidades médias passam a desenvolver como pólos de tecnologia voltados para o setor agrário, serviços financeiros, comerciais, educacionais e sociais.

cidades intermediárias, na medida em que mudam qualitativamente de conteúdo e assim, fixam-se nós de uma complexa divisão social e territorial do trabalho expressa em uma igualmente complexa rede urbana. As cidades médias não são mais objetos em si, mas expressões particulares dentro da evolução urbana. Refletir sobre estas questões se torna importante à compreensão dos novos conteúdos do espaço geográfico.

### Arapiraca, a cidade média do agreste de Alagoas.

O município está localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano e na Microrregião Geográfica de Arapiraca, limitando-se ao norte com Craíbas, Igaci e Coité do Nóia; ao sul com Feira Grande, São Sebastião e Junqueiro; a leste com Limoeiro de Anadia e Junqueiro e a oeste com Lagoa da Canoa e Feira Grande. Arapiraca possui uma área de 351 km<sup>2</sup>, que corresponde a 12% da área total do Estado e se encontra a uma distância de 135 km de Maceió (figura 1).

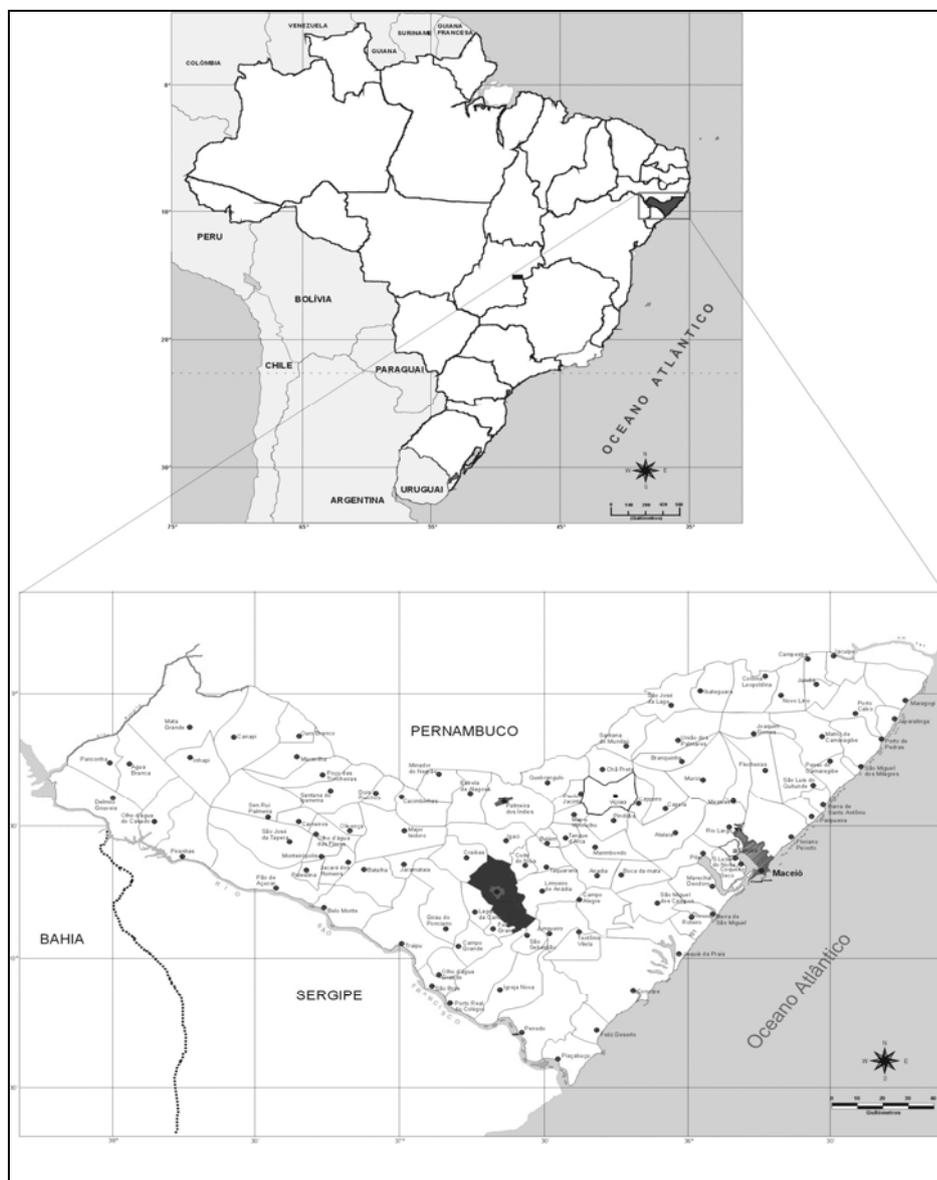


Figura 1. Localização do município de Arapiraca. Fonte: LGA/IGDEMA/UFAL, 2006.

A formação histórico-territorial de Arapiraca deu-se inicialmente com a expansão da atividade pecuarista dos criadores de gado no século XVI para o que hoje corresponde a região Agreste de Alagoas e que antes se restringia a região da Zona da Mata. Neste processo, os criadores expulsaram os índios da tribo Caeté, seus habitantes originais e consolidaram a conquista sobre este trecho da província de Alagoas.

O município de Arapiraca não foi atingido inicialmente pela expansão da monocultura da cana-de-açúcar, pois na ocasião acreditava-se que os seus aspectos naturais não seriam favoráveis à inserção da cultura canavieira, ficando então, em uma situação diferente dos demais municípios, pois o setor sucroalcooleiro entendia que os solos do município não seriam bons ao desenvolvimento da monocultura. Por isto, se estabelece no município o cultivo do fumo, que visava atingir os mercados interno e externo do produto.

O fumo é cultivado por pequenos e médios proprietários, arrendatários ou meeiros que dispõem de áreas que quase não excedem a 10 hectares. Na região fumageira existem mais de 30 mil estabelecimentos agrícolas, dos quais cerca de 10 mil são ocupados por famílias de pequenos produtores rurais. Essa produção é consorciada entre as culturas comerciais mais rentáveis e as lavouras de subsistência, o que explicaria a existência dessa área de predomínio da pequena produção familiar na região fumageira.

Os "anos dourados", que ocupam as décadas de 1950 a 1980, são lembrados pela ampliação da área cultivada, que chegou a 50 mil hectares, anunciada à época como a maior plantação contínua de fumo do país. Esse período é marcado por uma crescente produção que exportava milhares de toneladas de folhas de fumo para outros Estados e para o exterior, firmando essa área do Agreste como Região Fumageira (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2006, p. 201).

A partir dos anos 1990 a cultura vem diminuindo sua produção. As causas do declínio estão no preço internacional do fumo negro e nos altos custos de produção. Uma das alternativas apontadas para a cultura do fumo escuro (matéria-prima utilizada na produção do fumo de corda e um dos principais produtos de exportação de todo o Estado), é a ampliação da produção do fumo claro, voltada para a indústria de cigarros.

A diminuição da produção local, assim como a queda relativa dos preços nos mercados interno e externo, criou uma situação de instabilidade produtiva desde o ano 2000, quando o fumo passou a ser uma cultura sem o papel determinante de décadas atrás, mas ainda significativo, negando o discurso de seu iminente desaparecimento. A agricultura do fumo, desde o começo do século, estabilizou-se num patamar menor e diversificou-se um pouco com a entrada da produção de fumos claros, destinada à industrialização. A Universal e a Ermor Tabarama Tabacos do Brasil Ltda., controlam a produção e a comercialização do fumo em folha.

Quatro grandes empresas sediadas em Arapiraca (Incasil Indústria e Comércio, Araújo Silva Ltda., do Grupo Bananeiras; Incofusbom Indústria e Comércio de Fumo Super Bom Ltda., e as Indústrias Reunidas Coringa Ltda.), além de uma firma sergipana, a Maratá, têm maior participação na produção e comercialização do fumo de corda.

A empresa norte-americana Universal Leaf Tabaco, segunda maior empresa mundial em volume de fumo comercializado, vem desenvolvendo uma experiência com produtores do agreste alagoano. As variedades testadas são Virgínia e Burley. Além da Universal Leaf, a empresa Souza Cruz também desenvolve experimentos com variedades de fumo na região.

A região produtora de fumo compreende 13 municípios, onde Arapiraca é o principal produtor, seguido dos municípios de Lagoa da Canoa, Feira Grande, Coité do Nóia, Girau do Ponciano, Limoeiro de Anadia, São Sebastião, Teotônio Vilela, Taquarana e Campo Grande. A atividade fumageira detém o segundo lugar na ocupação de mão-de-obra na região e, por isto, a crise que se abateu no setor provocou graves impactos sociais e econômicos à região.

No ano de 1998, a fumicultura empregava por volta de 35 mil trabalhadores assalariados. Em 2000, o emprego cai para 21 mil. Esta crise, associada à reestruturação da atividade fumageira, tem levado a uma nova dinâmica populacional de trabalhadores, ou seja, a migração para outras áreas no Estado e fora de seus limites estaduais.

Mas apesar do setor fumageiro atravessar um período de estagnação comercial, Arapiraca vem conseguindo se sobressair e diversificar a sua economia, na medida em que se observa a diversificação dos cultivos em áreas tradicionalmente plantadoras de fumo. Esta característica vem dando uma nova dinâmica à cidade, que hoje já se constitui um pólo regional em Alagoas, aparecendo como centro nodal da região produtora de fumo, formada por vários outros municípios e outras localidades espalhadas em torno da urbe que plantam e comercializam o produto na cidade.

A região de Arapiraca é um exemplo de sucesso econômico que permitiu, nas últimas décadas, o crescimento estável de um conjunto de localidades e a ampliação de algumas conquistas sociais expressivas. Essa economia eficiente, com uma estrutura produtiva distinta das áreas vizinhas, centrada na pequena produção, permitiu que durante meio século fosse, sobretudo, um pólo descentralizador de um Estado cuja população e atividades produtivas estão concentradas principalmente em torno da capital, Maceió. Por isto, Arapiraca é o centro articulador destes municípios, que não tem mais que 30 mil habitantes. (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2006, p. 200).

Na sua condição de centro nodal da região fumageira, Arapiraca vem estabelecendo uma nova dinâmica econômica, na medida em que a sua posição central na rede urbana no oeste de Alagoas, exigem que a cidade passe a ser fornecedora de serviços públicos e privados diferenciados e até mais especializados e compatíveis com os ofertados na capital.

Este fato observa-se com muita clareza no dia mais movimentado da cidade - a segunda-feira - ocasião em que se realiza a feira livre da cidade, a maior do Estado e umas maiores do nordeste, depois de outra grande feira nordestina, a de Caruaru, em Pernambuco. Na ocasião da feira-livre em Arapiraca, afluem pessoas de todos os municípios da região fumageira e outros mais distantes. Por isto, as ruas da cidade são dimensionadas para atender a feira e ao fluxo diário de pessoas do agreste e sertão que circulam pela cidade.

O setor de serviços apresenta uma grande miscelânea de produtos ofertados, como atendimento médico através de planos de saúde privado e clínicas particulares com certo grau de especialização; escolas privadas em todos os níveis de ensino; redes varejistas de bens de consumo duráveis e não-duráveis e oferta de serviços de lazer e outros tipos.

Da administração pública, observa-se que a cidade é sede de representação de vários órgãos como a Coordenadoria Regional de Ensino (CRE); escritórios das companhias de abastecimento e energia elétrica e representações de outras secretarias e autarquias do Estado. Visando dinamizar a região e o seu entorno é implantada, no final da década de 1960, a Fundação Universidade do Estado de Alagoas (FUNESA), hoje Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), que incorpora a antiga Fundação Educacional do Agreste, que manteve a Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca (FFPA).

A cidade ainda conta com um Campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o primeiro do agreste e outras faculdades privadas como o Centro de Ensino Superior de Maceió (CESMAC). Todos estes serviços no campo educacional fazem com que a cidade também seja um importante pólo na oferta de serviços educacionais para a região agreste e sertão.

Arapiraca tornou-se, sem dúvida, nos últimos anos, um centro de irradiação regional. Passou a ser o mais novo conglomerado populacional, depois de Maceió. Esta característica infere que a cidade, apesar das crises que o setor fumageiro atravessou e que anteriormente representava a principal fonte de recursos, vem apresentando um notável desenvolvimento econômico que lhe confere uma nova dinâmica socioeconômica interna.

Em Alagoas, Arapiraca é um exemplo da importância crescente das cidades médias, pois a partir da década de 1980, mesmo com o início da crise do fumo, a cidade teve um crescimento econômico considerável sendo responsável pela fixação da população de seu entorno. A crise do fumo, de certa forma, serviu para marcar um novo ciclo econômico que apontava à necessidade de diversificar a matriz produtiva municipal, pois a fumicultura demonstrava claramente grande instabilidade em sua produção e comercialização e, a médio e longo prazo, poderia colocar as finanças municipais em sérias dificuldades.

Por isto, observou-se que paralelo à crise do setor fumageiro, que ocasionou a diminuição da área plantada, surge outras atividades também ligadas ao setor agrícola, como o cultivo de hortaliças, tubérculos, grãos, fruticultura irrigada e, em pequena escala, rebanhos de bovinos, **SOUZA, J. C. O.; MARISCO, L. M. O. Reestruturação urbana e dinâmica (...) p. 55 a 75**

caprinos e ovinos. O setor comercial da cidade também merece destaque, pois ocupa uma posição central na composição dos proventos municipais, representando quase 50% na composição setorial do Produto Interno Bruto (PIB) do município (SNIU, 2007).

Um novo segmento de produtores, vinculado ao Movimento Minha Terra, está desenvolvendo a agricultura orgânica no município. O cinturão verde de Arapiraca, com duas centenas de produtores, é responsável por 80% do abastecimento de Maceió. O milho plantado na região de forma comercial não consegue atender à demanda da empresa Coringa, grande beneficiadora do produto.

Acompanhando o exemplo de Maceió, é também adotada em Arapiraca uma política industrial tendo como modelo os pólos e os distritos industriais. Esta política, desenvolvida no governo de Muniz Falcão a partir da década de 1960, visava inserir Alagoas no processo de industrialização que tomava o país.

Arapiraca possui atualmente um núcleo industrial modesto, com fábricas voltadas, principalmente, a divisão alimentícia e de bebidas, mas encontram-se outras de produtos gráficos, plásticos e químicos e também fábricas de estruturas pré-moldadas para a construção civil. São observadas também, embora em menor proporção outras pequenas fábricas como as de beneficiamento de derivados de leite, fábricas de móveis, de metais e estofados.

Destaca-se também a forma de organização em cooperativas que os pequenos fumicultores do município estabeleceram e, tendo esta, importância na geração de capital social para a cidade. Algumas como a COOPERFUMO e COOPERAL surgiram na década de 1960, e que chegaram a ter 4 mil associados foram desativadas. Atualmente as cooperativas existentes encontram-se filiadas a Federação Alagoana de Trabalhadores Rurais, (FETAG), como também à representação patronal da Federação Alagoana de Agricultura.

Na década de 1990 a cidade de Arapiraca terminou a transição de seu antigo modelo de vida rural para o cidadão, transferindo a importância da agricultura para as atividades tipicamente urbanas como o setor de serviços, a indústria e o comércio. Arapiraca é um município de vida urbana. Os símbolos maiores dessa mudança são: a agricultura industrializada; o comércio central da cidade, sua conhecida feira semanal, o setor de serviços e o núcleo industrial.

No setor de serviços, Arapiraca também se destaca na condição de pólo regional do agreste e que consegue também influenciar outras localidades fora de sua rede. O terceiro setor é amplo, apresentando serviços como os de bancos estatais e privados; hotéis; restaurantes e outros, além de também sediar sucursais de jornais impressos de grande circulação no Estado e de retransmissores e escritórios regionais de grupos de comunicação, como emissoras de televisão e rádio em amplitude modulada (AM) e frequência modulada (FM).

A oferta destes serviços torna a cidade bastante maleável à expansão do meio técnico-científico-informacional que se caracteriza pela implantação de objetos técnicos, ou aumento

funcional e estrutural de fixos artificiais associados, particularmente à nova dinâmica econômica e a modernização desta.

Paralelamente observa-se que se desenvolve em Arapiraca, infra-estruturas econômicas, marcadas pela diversificação agrícola e a ampliação das comunicações. Essa materialidade em conjunto com as formas criadas para a sua manipulação, propiciou o crescimento das funções urbanas centrais, o surgimento de novas funcionalidades e o aparecimento de especializações produtivas.

A rede de fixos artificiais associados à comunicação, especialmente telecomunicações, é um dos objetos que mais se expandem, acompanhando o atual comportamento social no país. Assim, originam-se importantes sistemas de objetos que são capazes de interligar a cidade de Arapiraca ao país e ao resto do mundo por intermédio de equipamentos de transmissão e de recepção que permitem a existência de fluxos distantes e descontínuos territorialmente, garantindo à cidade e a sua região a fluidez exigida pelo período técnico-científico-informacional.

Os investimentos neste sentido foram realizados desde a década de 1960, pelo extinto Sistema de Telecomunicação do Brasil (TELEBRÁS). A privatização do sistema TELEBRÁS, na década de 1990, colocou Arapiraca no bloco regional Tele Norte-Leste, Região 1, Setor 07 onde atuam com serviço de telefonia fixa, as operadoras Telemar (atual Oi Fixo), Vésper, Embratel e Intelig.

No serviço de telefonia móvel, a cidade está inserida na área de concessão 10, que corresponde a Região Nordeste. Os serviços de telefonia móvel são prestados pelas operadoras TIM, Claro (antiga BCP) e Oi Móvel. A presença de todas essas operadoras de serviços de telefonia (fixa ou móvel) demonstra a ampliação funcional e territorial da utilização das redes telefônicas.

O aumento do número dos fixos artificiais, associados aos fluxos e a infra-estrutura econômica é a expressão da presença do meio técnico-científico-informacional em Arapiraca, demonstrando a densidade de seu conteúdo técnico e tornando mais fluido o território. Contudo, estes fixos, decorrentes de sua complexidade, atuam como um sistema técnico, sendo que a sua base material são os sistemas de transporte e o de telecomunicações.

Essa fluidez em Arapiraca é demonstrada na logística informacional que acompanha a dinâmica da organização espacial, das redes visíveis e sensíveis através da informatização dos principais atores de circulação do capital no município. Essa gênese é percebida nos sistemas de saúde seguido pelo educacional acompanhando outros agentes locais.

Por sua condição geográfica, Arapiraca possui um baixo potencial energético, mas os fixos artificiais associados à geração e transmissão de energia elétrica são compostos por subestações, linhas de transmissão e subestações distribuidoras. A cidade é integrada ao sistema Angelim e possui 02 subestações distribuidoras da CEAL (Companhia Energética de Alagoas)

que juntas possuem uma potência total de 50,0 Mva.

Devido a atual dinâmica econômica e o aumento populacional da cidade, a referida companhia energética planeja uma expansão no fornecimento energético com a construção de uma estação e mais duas subestações que ao final darão um acréscimo de mais de 50% no fornecimento energético da cidade.

A cidade é abastecida por água potável pela Companhia de Abastecimento e Saneamento de Alagoas (CASAL) a partir do sistema agreste que também distribui água potável aos demais municípios da microrregião, com uma capacidade de 1.602 m<sup>3</sup>/h. Este sistema é parte integrante do canal do sertão, que a partir da construção da adutora do agreste, bombeia água do rio São Francisco. A oferta de água potável passou a ser regular, reduzindo o desabastecimento que a cidade enfrentava no passado.

Desta maneira, esses fluxos e fixos orientam o surgimento de horizontalidades e verticalidades<sup>5</sup> em Arapiraca, definidos em arranjos espaciais determinados mediante interações contínuas e descontínuas, que acabam se dando como redes que perpassam o território e que permitem a cooperação entre os circuitos da produção, do comércio e dos serviços.

Portanto, essa complexidade no arranjo do espaço geográfico arapiraquense só faz ressaltar a grande importância regional que a cidade possui no contexto urbano de Alagoas, pois vem atuando como centro de convergência populacional e, em média escala, de fixadora deste mesmo contingente.

Como o mais novo conglomerado humano de Alagoas, Arapiraca apresenta uma evolução nos seus índices populacionais, diga-se incremento, nos últimos 30 anos (entre 1970 e 2000) da ordem de aproximadamente 50%, atingindo 186.466 habitantes em 2000 (IBGE, 2000), (tabela 01). Igualmente, o crescimento da população urbana totalizou, neste mesmo período, 57% implicando uma taxa de urbanização de 81,71% (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD/PERFIL MUNICIPAL - ARAPIRACA, 2000, p. 01).

**Tabela 01 – Incremento demográfico de Arapiraca entre 1970 e 2006**

Descrição	1970	1980	1991	2000	2007
População Rural	47.695	48.967	33.958	34.112	-----
População Urbana	46.592	87.211	130.963	152.354	-----
Taxa de Urbanização	49,42%	64,02%	79,41%	81,71%	-----
Total	94.287	136.178	164.921	186.466	202.390

Fontes: IBGE (2000 e 2007) e PNUD (2000).

No conjunto total da população do Estado, Arapiraca representa 6,61% e 0,11% da população total brasileira (PNUD/PERFIL MUNICIPAL - ARAPIRACA, 2000, p. 01). No período entre 1991 e 2000, a cidade teve um taxa média anual de crescimento populacional de

<sup>5</sup> As horizontalidades são zonas da contigüidade que formam espaços contínuos já as verticalidades podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formados num espaço de fluxos.

1,43% e, a taxa de urbanização no mesmo período (1991 e 2000) cresceu 2,89 passando de 79,41% para 81,72%. Assim, é notável também o decréscimo da população rural em detrimento da urbana no período analisado.

Com base nestes índices Arapiraca passa, inegavelmente, a desempenhar um papel central e importante no conjunto total da população da região. A concentração da população acarreta a incorporação de um conjunto de conseqüências qualitativas ao urbano, tais como novas relações econômicas, sociais e culturais.

Este incremento populacional em Arapiraca nos últimos 30 anos deu-se por diversos fatores comuns a maioria das médias e grandes cidades como a migração da população das cidades vizinhas em direção á cidade-pólo; fluxo diário com destino aos postos de trabalho em Arapiraca tanto no setor rural como no urbano, onde as cidades circunvizinhas, com pouca ou reduzida dinâmica econômica tornam-se cidades-dormitórios; as escolas de nível fundamental e médio bem mais estruturadas e freqüência aos cursos de nível superior nas instituições públicas e privadas com sede em Arapiraca.

Mesmo que estes fluxos migratórios não sejam para fixação de residência na cidade, eles revelam muito o nível de interações que Arapiraca estabelece em seu território com as cidades de sua região e fora dela. Em conjunto, estes fatores, muito caracterizado pela gestação do meio técnico-científico-informacional e pelo desenvolvimento de atividades econômicas e sociais, interferem no processo de urbanização da cidade, com ampliação da esfera demográfica e de processos de refuncionalização que são induzidos pelos agentes econômicos e sociais, com importante acréscimo nos papéis urbanos que são desempenhados por Arapiraca. Por isto, o incremento e o aumento de interações espaciais são inevitáveis e passam a ocorrer por meio de horizontalidades e verticalidades.

Todo este dinamismo demográfico reflete muito nos indicadores sociais da cidade, na medida em que demonstram que a cidade possui 3.878 empresas formais que geravam 12.742 postos de empregos regulares. A População Economicamente Ativa (PEA) na cidade é de 80.468 pessoas, e os dados também revelam um número bem significativo de empregos informais e de pessoas sem ocupação.

Portanto, verifica-se que o processo técnico-científico-informacional na cidade está em plena fase de estruturação e consolidação, na medida em que se pode inferir a existência de fixos e fluxos indissociáveis que se interconectam em modo contínuo e que configuram a rede urbana de Arapiraca e suas interações.

As cidades médias têm esta característica, como lembra Bessa (2005), de exercerem um papel ativo na promoção do equilíbrio sócio-espacial, pois também passam a ser pólos de convergência e divergência de especializações produtivas e, Arapiraca, como partícipe deste processo, desenvolve-se como uma cidade de equilíbrio na complexa estrutura urbana e

socioeconômica de Alagoas.

### Hierarquia, rede urbana e interações espaciais em Arapiraca.

Dentro da estrutura urbana de um Estado, o estabelecimento de níveis hierárquicos entre cidades acontece devido à dinâmica econômica e social que se estabelece ao longo do tempo, onde emergem centros que passam a oferecer serviços mais complexos e especializados.

Sob o ponto de vista espacial, a rede de influência de Arapiraca está em ampliação e já consegue atingir até mesmo o Estado de Pernambuco. Esse papel realiza-se por atuação indireta sobre alguns municípios pernambucanos localizados ao norte de Alagoas. Já os municípios circunvizinhos à cidade são os que mais fortemente estabelecem ligações espaço-temporal com Arapiraca e por isto se encontram em um nível hierarquicamente inferior na estrutura urbana de Alagoas.

Ao analisarmos a feira-livre de Arapiraca, podemos concluir que a função espaço-temporal e socioeconômica desempenhada pela feira na área de influência direta e indireta da cidade, reforça o seu papel de centro receptor e retransmissor do meio técnico-científico-informacional, pois convive na feira, o moderno setor de serviços e comércio especializado, não implicando em conflitos com os tradicionais produtos encontrados nas feiras deste tipo (figura 2).

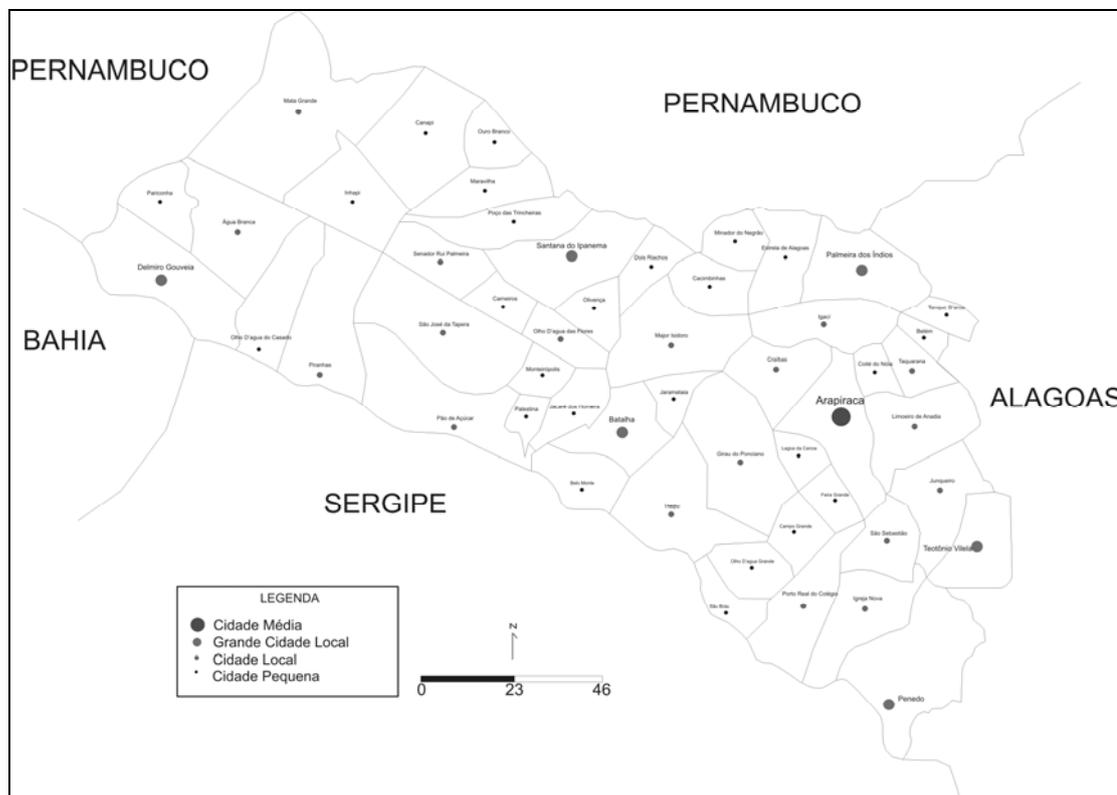


Figura 2. Arapiraca: Hierarquia Urbana. **Elaboração e Organização:** SOUZA, J.C. O. (2007).

Fica então evidente como a rede de localidades centrais se organiza em áreas de estático desenvolvimento econômico: uma estruturação apoiada na coexistência de dois circuitos econômicos, o moderno – circuito superior – e o tradicional – o circuito inferior – são aplicados como modelos analíticos para o estudo do espaço econômico. A distribuição dos bens de serviços e de consumo a outras cidades, caracteriza-se por apresentar descontinuidades espaciais, exatamente por predominar as relações próprias do circuito inferior da economia como as atividades tradicionais e população com um nível de renda mais elevado.

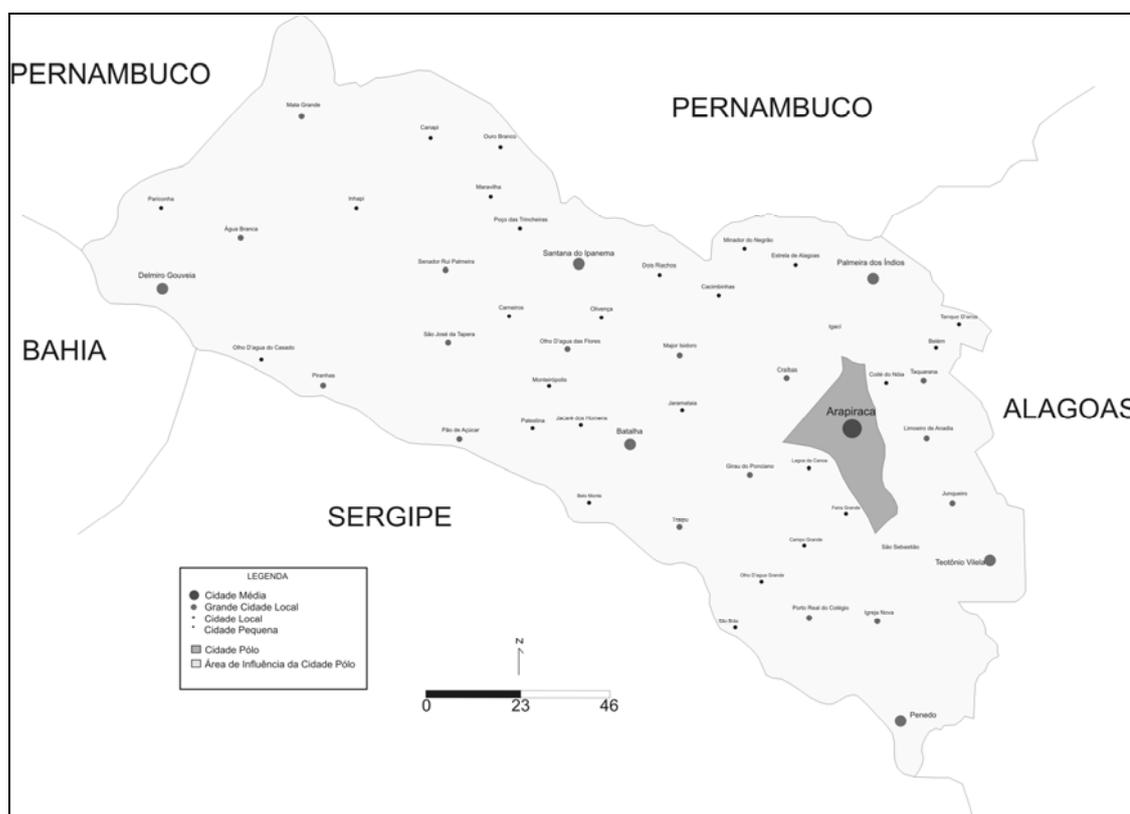
Entender a maneira pela qual se estabelece o sistema hierárquico de Arapiraca é considerar também que a cidade cria e (re) cria dinâmicas de concentração e centralidades em seu espaço, pois a cidade funciona como um nó da rede urbana de Alagoas, exatamente pelo papel que assume na oferta de bens e serviços que condicionam a sua funcionalidade no sistema hierárquico que se associam as várias atividades produtivas.

Arapiraca polariza quatro grandes regiões geoeconômicas do Estado - Agreste, Sertão, Sertão do São Francisco e Foz do São Francisco - que totalizam 52 municípios que possuem como base econômica principal a agropecuária voltada aos níveis de subsistência, intensiva, semi-extensiva e extensiva. Em relação ao quadro populacional, grande parte destes municípios tem população inferior a 20 mil habitantes, exceção feita às cidades locais e grandes cidades locais existentes nestas regiões.

Souza (2005, p. 53) salienta que as cidades, na qualidade de *centros de difusão*, se apresentam, ao longo da rede urbana, como suportes para a disseminação de bens e idéias, das cidades maiores para as cidades menores, até chegar ao campo. Notadamente, o nível de terceirização que pode ser observado em Arapiraca consegue demonstrar de modo contundente o papel difusor que a cidade assume na rede urbana por ela encabeçada (figura 3).

A importância de uma cidade média para Sposito *et al* (2007, p. 37) em uma rede urbana “*tem relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência ou, em outras palavras, a área a partir da qual alguém está disposto a se deslocar até uma cidade média para nela ter acesso ao consumo de bens e serviços*”. Assim Arapiraca, como o centro nodal da rede urbana da porção leste de Alagoas, possui esta função no circuito urbano em que participa; no atendimento as demandas socioeconômicas regionais por “atrair” os usuários diretos e indiretos de tais demandas.

Portanto, explicar a rede urbana que se formou na área diretamente influenciada por Arapiraca é também entender usando a perspectiva de Nogueira (2003, *apud* GARCIA & NOGUEIRA, 2007, p. 3) a inserção diferenciada de cada cidade neste circuito urbano como resultado de um longo processo sócio-espacial de construção de suas centralidades urbanas e singularidades socioeconômicas. Assim é necessário entender, principalmente, a dinâmica socioeconômica de Arapiraca para, neste aspecto, perceber a constituição e a estruturação da rede urbana que se formou em torno da cidade.



**Figura 3.** Arapiraca: Rede Urbana e área de influência. **Elaboração e Organização:** SOUZA, J.C. O (2007).

A organização espacial urbana em rede pressupõe também que variáveis como rede energética, de comunicação, os transportes e outros passem a desempenhar um protagonismo para a integração dos lugares e de seu respectivo desenvolvimento econômico. Corrêa (2007, p. 30) admite que as cidades médias apresentem interações espaciais intensas, complexas, multidirecionadas e marcadas pela multiescalaridade, isto é, sobreposição de múltiplas influências em um mesmo espaço e tempo não importando para tal o tamanho ou a densidade das interações. Estas interações espaciais são, em sua maioria, controladas pela elite da cidade.

Por meio das interações, as cidades médias conectam-se a rede global de cidades, ainda que outros intercâmbios sejam controlados por grupos externos. As interações *de e para* a cidade média se realizam em duas escalas espaciais gerais, a escala regional e a escala extra-regional, seja ela nacional ou internacional (Idem). Destas duas escalas, as extra-regionais são a que determinam à identificação de uma cidade média e a distinguem de uma usual capital regional.

As migrações em suas diversas formas (definitivas, pendulares, sazonais...), as importações e exportações de mercadorias entre os países, regiões e cidades; a circulação de mercadorias entre fábricas e lojas; o deslocamento de consumidores aos centros de compras, as visitas a parentes e familiares e tantos outros exemplos, explicam bem a quantidade de interações espaciais as quais estamos submetidos.

As cidades médias deparam-se em meio a uma realidade na qual elas adquirem cada vez mais centralidades, principalmente no que tange ao setor de prestação de serviços, que são

diretamente dependentes de um sistema integralizado para que aconteçam as interações espaciais (DRUCIAKI, 2006, p. 02). Assim, podemos perceber que as redes de transporte e circulação são determinantes e possuem papéis primordiais para o estabelecimento de tais interações. Para Sposito( 2007, p. 215)

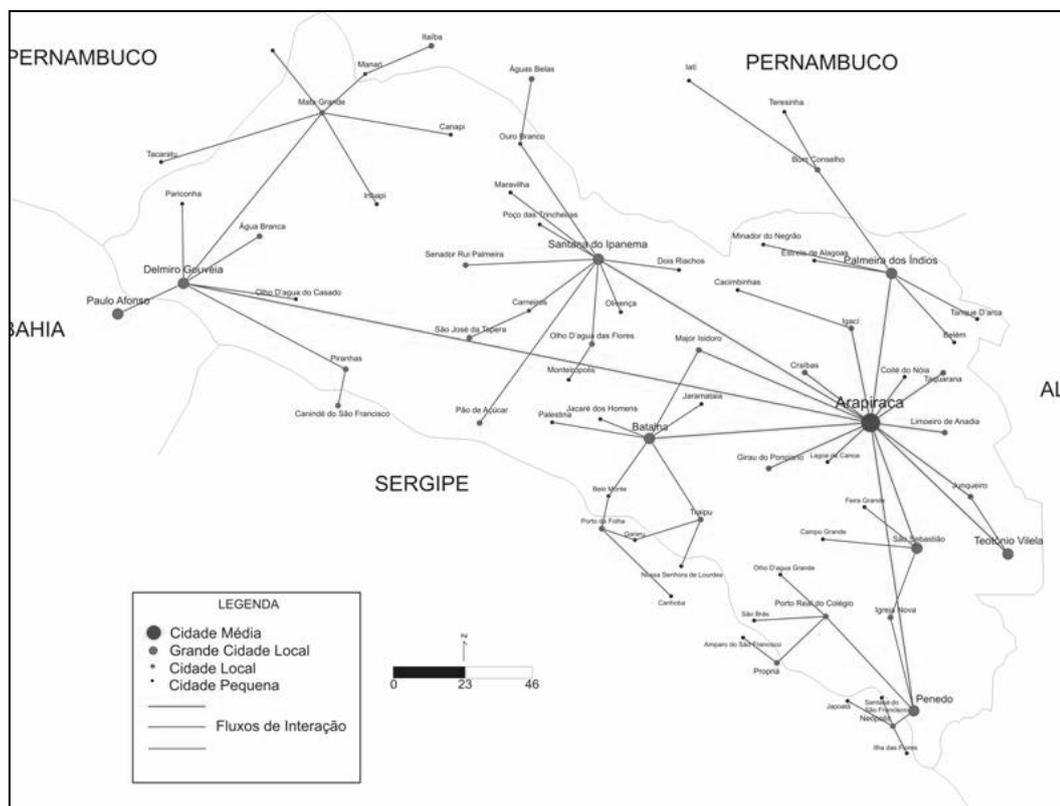
“Em primeiro lugar, o conjunto de vias de transporte outorga fatores básicos para a localização industrial e levam a uma densidade de infra-estrutura, capitais, pessoal especializado e fluxos de informações e de mercadorias que consolidam as decisões de localização” (SPÓSITO, 2007, p. 215).

Em Arapiraca, a rede de transporte configura-se como a forma primaz da estrutura de circulação e de deslocamento espacial que são de fundamental importância para o desenvolvimento e a interação da cidade com a sua área de influência, a metrópole estadual e as cidades regionais e nacionais.

O município é interligado ao Estado por meio de rodovias estaduais como a AL 220, que atravessa a cidade pelo norte, ligando o litoral ao sertão; a AL 110 atravessa a cidade a leste, cruzando a AL 220, ligando Arapiraca a Taquarana e Coité do Nória; a AL 115 corta a cidade longitudinalmente a oeste, interligando Arapiraca a Lagoa da Canoa, Girau do Ponciano e Campo Grande para o Sul. Outras ligações rodoviárias regionais são importantes: pela BR 101 chega-se a Aracajú (186 km), a Salvador (684 km), a Recife (385 km) e a João Pessoa (465 km), e pela AL 220, no sertão, chega-se a Delmiro Gouveia e a Paulo Afonso. A posição geográfica de Arapiraca permite ao município, uma convergência de fluxos rodoviários que podem ter na cidade o seu ponto de origem e o de destino final e, nesta linha Amora & Costa (2007, p. 344) lembram que *a “importância regional dos centros, ou seja, o crescimento e destaque na rede urbana estão relacionados à “situação geográfica” ou “posição geográfica”*”. A mobilidade da população de Arapiraca não se dá somente por meio de rodovias, mas também por muitos acessos em estradas e caminhos vicinais (figura 4).

A malha ferroviária no município, criada em 1949 e que tem uma estação no centro da cidade, tinha por finalidade o transporte de cargas, como o fumo, para outros centros beneficiadores do produto. Mas em parte, devido ao declínio da atividade fumageira este tipo de transporte também veio a ser desativado. Em 2007 foi anunciada a reativação, depois de 30 anos, das linhas férreas no município e do restante do Estado. A reativação da rede ferroviária para o transporte de cargas em Alagoas com o aporte de recursos da esfera federal, objetiva tornar-se uma alternativa ao transporte rodoviário de bens e mercadorias e interessa principalmente ao governo estadual e municipal numa tentativa de dinamizar a economia das regiões que serão diretamente cruzadas pela ferrovia. A concessionária deste trecho é a Companhia Ferroviária do Nordeste (CFN) que o assumiu em 1998 por meio de um processo de privatização da antiga Rede Ferroviária do Nordeste (REFESA). A linha férrea irá ligar os trechos de Porto Real do Colégio até o Porto de Suape em Cabo de Santo Agostinho (PE) com um total de 550

quilômetros de extensão sendo 370 km em Alagoas, passando por Arapiraca e Maceió. A reativação da ferrovia também viabiliza a criação de um Porto Seco em Arapiraca.



**Figura 4:** Arapiraca. Interações Espaciais da área de influência direta e indireta.  
**Elaboração e Organização:** SOUZA, J.C. o. (2007).

A idéia da criação da ferrovia transnordestina é a interligação da região nordeste com o sul/sudeste do país. Assim, a mobilidade de bens e mercadorias por meio de ferrovias é outra maneira contundente de estabelecer interações espaciais contíguas no espaço de Arapiraca, na medida em que ao longo deste sistema modal, alguns municípios economicamente estagnados podem passar por uma nova dinâmica socioeconômica em seus espaços. Na rede urbana da porção oeste de Alagoas, as interações espaciais se estabelecem a partir do nó da rede (cidade média) e partem em direção as grandes cidades locais, destas para as cidades locais e se encerram nas pequenas cidades. Mas, contudo, não se deve correr o risco de pensar que esta interação se forma de maneira rígida. A proximidade de uma pequena cidade com uma grande cidade local ou até mesmo uma cidade média faz com que os níveis de hierarquia entre as cidades sejam burlados em determinados momentos, isto é, os habitantes de uma cidade pequena possa se mover diretamente à grande cidade local ou média sem passar obrigatoriamente pela cidade local para atender as suas necessidades. Portanto, em Arapiraca, as interações espaciais se configuram como aspecto que detona toda a dinamicidade da cidade sendo estas *verticalizadas*, quando firma interações em um espaço descontínuo e a possibilidade de um contato direto com a Metrópole nacional da região nordeste – a cidade do Recife - e *horizontalizadas*, ao conferir à

cidade a manutenção de relações contínuas em seu espaço direto de polarização, implicando em dinamização que também pode se estender por sua área rural.

## Conclusão

Arapiraca aparece no cenário urbano do Estado nas primeiras décadas do século XX, com uma atividade econômica inicialmente atrelada ao cultivo e comércio do fumo e que até o início da década de 1980 foi extremamente representativa na composição das finanças do município. Após esta década, a atividade fumageira entra em declínio devido à falta de investimentos na melhoria da cultura, a concorrência externa, a saída de empresas que beneficiavam o fumo e a baixa de preços do produto. Com uma produtividade baixa e a diminuição das áreas plantadas há o desequilíbrio entre a oferta e a procura do fumo.

Mesmo passando após a retração da atividade fumageira por um período de estagnação econômica, o município de Arapiraca não perdeu totalmente o seu papel de centro polarizador no Estado e vem, principalmente, por meio de seu setor de serviços, consolidando a sua função como pólo atrativo da população do Agreste e Sertão de Alagoas. O serviço público das esferas estadual e federal tem representações na cidade e redes de lojas de eletroeletrônicos, magazines, e serviços financeiros (bancos, concessionárias de créditos) têm suas filiais espalhadas em seu comércio urbano.

Desta maneira, estabelece entre Arapiraca e as cidades diretamente de seu entorno e até mesmo entre outras não tão próximas, intensas relações intraurbanas que são representadas nas interações espaciais que conectam toda a rede urbana oeste de Alagoas. Cada pessoa de outra cidade que busca Arapiraca para, por exemplo, um atendimento médico ou uma transação financeira simples já é passível estabelecer uma interação espacial de sua cidade de origem com Arapiraca, mesmo que esta seja de maneira pouco intensa.

Por fim, ainda em meio a um pequeno resquício da atividade fumageira que tenta sobreviver em meio aos novos “*usos urbanos*” que a cidade experimenta e o canto das destaladeiras de fumo no deslocado povoado de Canafístula que ainda ecoa e deixa viva a lembrança da atividade no município, Arapiraca se consolida em sua nova função - a de cidade média em Alagoas – papel este que a cidade desempenha com grande motivação.

## Referências

AMORA, Zenilde Baima & COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Cidades médias e organização do espaço no Brasil. *Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, ano II, n. 5, p. 5-34, jun.1984.

\_\_\_\_\_; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.) *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.

\_\_\_\_\_. *Origens, evolução e perspectiva dos estudos sobre as cidades médias*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org). *Cidades Médias Brasileiras*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2001.

BESSA, Kelly Cristine. *Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG)*. **Geografia**. Caminhos de Geografia – revista on line, nº. 24, pgs. 268-288. Outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 10 de abril de 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo 2000*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> . Acesso em 15 de maio de 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério das Cidades. *Dados estatísticos do Sistema Nacional de Indicadores Urbanos – SNIU (Perfil municipal – Arapiraca)*. Disponível em <<http://www.cidades.gov.br/sniu>>. Acesso em 20 de outubro de 2007.

\_\_\_\_\_. PNUD. *Atlas do desenvolvimento humano 2000*. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/atlas>> . Acesso em 15 de maio de 2007.

CORREIA, Roberto Lobato. *Construindo o conceito de cidade-média*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

COSTA, Eduarda Marques da. *Cidades médias: contributos para a sua definição*. Revista Finisterra, ano XXXVII, nº. 74, pgs. 101-128, 2002. Disponível em: <[www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2002-74/74\\_05.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2002-74/74_05.pdf)>. Acesso em 10 de abril de 2007.

DRUCIAKI, Vinicius Polzin. *As redes de transporte coletivo intermunicipal de passageiros entre cidades médias: Guarapuava, Cascavel, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu*. Anais. II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias: Dinâmicas Econômicas e Produção do Espaço. Uberlândia, MG, Brasil de 6 a 9 de novembro de 2006.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Maceió: Gazeta de Alagoas, 2006, pgs. 196-213.

GARCIA, Ricardo & NOGUEIRA, Marly. *A geografia econômica das cidades médias no Brasil*. Anais. V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos: Conhecimento, Inovação e Desenvolvimento Regional. Recife, PE, Brasil de 24 a 26 de outubro de 2007.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2005.

SILVEIRA, Máira Laura & SANTOS, Milton. Brasil: *Território e sociedade no início do século XXI*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *ABC do desenvolvimento urbano* – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão *Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro & GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. *O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.